

# OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.º	Semest. 18 n.º	Trim. 9 n.º	N.º à entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	35800	18900	5950	3120
Possessões ultramarinas (idem)....	45000	25000	8000	3600
Extrang. (união geral dos correios)	55000	28500	9500	4200

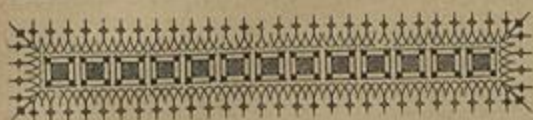
20.º Anno — XX Volume — N.º 684

30 DE DEZEMBRO DE 1897

Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.



## CHRONICA OCCIDENTAL



*Gloria in excelsis!*

É de todas as festas da christandade a mais bella, e que mais nos commove, a mais cheia de poesia!

Um presepio de figurinhas de barro pode ser todo um poema. Nem ha poema tão bello como aquelle trecho do Evangelho, que nos fala d'uma criança filha de

uma virgem, d'aquelle anjo que foi á meia noite acordar os pastores, d'aquelle estrella que veio alumiar pelos desertos os reis dos reinos distantes.

Missa do gallo. Dá meia noite, sóbe o padre ao altar, as campainhas repicam e elle entõa a gloria.

*Gloria in excelsis!*

Como chovia! O vento do sueste parecia não querer abrandar. Que noite fria e escura! Era uma verdadeira noite de natal, noite de inverno, como aquella que Deus escolheu para dar a sua entrada no mundo, soffrendo!

Os bandos de perus, ha muito andavam choutando por essas ruas, todos soberbos nas paragens, namorando as femeas esgrouviadas, mal sabendo quem eram os heroes d'aquelles hymnos que ouviam, de facas a afiar.

Tomavam-lhes o peso e elles todos soberbos, como dizendo ás peruas e companheiros: — Isto é que é papo!

Mais tarde já lhes não era, coitados, dado ouvir: — Isto é que é cabidella!

E os tristes condemnados marcharam para a morte gloriosa, como verdadeiros heroes. Uma simples cana os conduzia.

Glu! glu! glu! E atraz d'um grão de milho aqui, grão de milho ali, o bando lá ia percorrendo as ruas da cidade. Pirum velho, não ha de casar!... Glu! glu! glu!

Deram contentamento a muita gente! Os rapazes estão em ferias, que alegre jantar a luz muito doce do candeeiro sobre a mesa florida!

Amanheceu um formoso dia de natal!

Toda a noite chovêra, que parecia desfazer-se o céu em gua! Acabaram-se as nuvens, o sol desfez os ultimos farrapos, que muito tenues desapareceram no azul esplendido. Seccaram as ruas, encheram-se de passeantes.

Toda a semana correu linda, sem um estorvo ás festas. Os theatros estiveram á cunha; as lojas fizeram bons negocios.

Mousinho de Albuquerque continúa a ser o heroe do dia. Por onde apparece, aclamam-o.

Na Sociedade de Geographia, onde lhe entregaram a medalha d'ouro, o enthusiasmo foi indescriptivel, sobretudo depois do discurso do sr. D. Carlos, que mais uma vez se revelou como distinctissimo orador, dispondo de todos os dotes que tanto distinguem os peninsulares. Bem haja, porque sabe por aquella forma elevar quem tão alto collocou o nome portuguez.

No paço de Belem realisou-se o jantar offere-

cido a Mousinho pelos seus camaradas da arma de cavallaria. Foi uma festa brilhantissima.

O enthusiasmo continúa. Mousinho de Albuquerque não pode apparecer n'um theatro, sem que todos o aclamem, provando-lhe assim a gratidão que merece dos corações em que gira sangue de portuguezes.

Preparam-lhe festas enthusiasticas no Porto e em Leiria, terra natal do grande heroe de Chaimite.

Mousinho de Albuquerque brevemente voltará para o seu posto em Africa. Cumpridor do dever, continuará enchendo Portugal de novas glorias, n'aquellas terras finalmente pacificadas pelo valor do seu braço.

Este fim de anno foi por isso todo de festas. Estamos no inverno, em plena estação querida dos ricos, que tanto buscam as distracções dos theatros, dos bailes, dos concertos.

Abriu o theatro de S. Carlos e foi isso um grande acontecimento.

Duas das ultimas composições de Verdi, *Othello* e *Aida*, tiveram um desempenho esplendido, que, em pouco tempo alaram as aves agoireiras piando desastres e mortes.

A assignatura foi concorridissima e tudo o que no *high-life* dos jornaes costuma cançar o typo das typographias ali esteve n'essas duas noites, applaudindo sobretudo a fórma artistica do des-

empenho do lago no *Othello* e da Amneris na *Aida*. Barytono e contralto, ambos de primeira ordem! O resto da companhia magnifico tambem, côros afinados, orchestra obedecendo á batuta do maestro Campanini, hoje um dos mais conhecidos no mundo musical.

Tetrazzini, que tantas saudades deixára em Lisboa e cuja vida artistica tem sido uma constante gloria, voltou a mesma e obteve justissimos applausos no desempenho da *Desdemona*.

Judic, no theatro D. Amelia, despediu-se do publico com a *Vie Parisienne*, peça morta ao nascer, completissimo fiasco, mal escolhida para uma despedida. Não havia o panno de baixar pela ultima vez n'essa noite sem que a artista franceza, a mais decantada, ouvisse os longos applausos a que está costumada na sua tão longa carreira. Com as cançonetas arrebatou o publico e foi n'um verdadeiro triumpho que ella nos disse adeus.

No theatro de D. Maria ensaia-se a celebrada peça de Sandeau, *Mademoiselle de la Seiglière*, para estreia de Lucilia Simões n'aquelle theatro.

João Rosa fará o papel que foi uma das glorias do pae, do velho Rosa, do Rosa pae, como todos lhe chamavam, o que já era uma gloria para o filho, que d'elle herdou as magnificas qualidades de artista, que tanto o distinguem.

Tambem Lucilia Simões fará o papel em que, ao lado dos dois Rosas, Lucinda foi applaudida.



A FESTA DOS INNOCENTES

A comedia de Sandeau é anciosamente esperada. Esmeradamente ensaiada como vai, deverá proseguir gloriosamente no caminho, que ha muitos annos vem trilhando ao lado do *Marquez de Villemor*, do *Genro de Poirier*, e de poucas mais dos grandes mestres de ha cincoenta annos.

Entre as grandes festas d'estes ultimos dias não devemos deixar de mencionar o sarau do Real Gymnasio Club Portuguez no grande Colyseu das Portas de Santo Antão, onde meia Lisboa se reuniu n'essa noite.

Mousinho de Albuquerque, n'um camarote de primeira ordem, assistiu a parte do espectáculo, sendo, como sempre, victoriadissimo pela enorme multidão.

Foi uma festa lindissima e a ovação a Mousinho commovente.

Mas não só os theatros publicos deram que falar.

Contam-nos maravilhas da recita organizada em casa do sr. commendador Nicolao dos Santos Pinto, que, no dia 19, solemnisou o terceiro anniversario do seu casamento.

N'um theatrinho elegante representaram-se as comedias *Ao colgar das Luvas*, *Quem morre, morre e Paschoa é Quaresma*, sendo applaudidissimos todos os interpretes, sr.<sup>as</sup> D. Laura Pinto, D. Carlota Martins, D. Julia Bourgard, D. Julia Nunes Cordeiro e os srs. Nicolao dos Santos Pinto, Manuel Mattos Cordeiro, Joaquim Calado, Rodrigo Alberto da Silva e Joaquim Alberto da Silva.

Breve, teremos noticia dos dramas escriptos para commemoração do descobrimento do caminho da India e postos a concurso pela commissão do centenário.

Alguns escriptores portuguezes, sem contudo terem idéa de concorrer ao premio estabelecido pela commissão, tem ultimamente trabalhado em tragedias tendo por assumpto alguns factos notaveis da nossa historia na India.

Afonso de Albuquerque é o heroe dos dramas escriptos pelos srs. Libanio Baptista Ferreira e Henrique Lopes de Mendonça.

No dia 26 fez o auctor do *Duque de Vizeu*, a varios amigos, leitura do seu novo drama, *Albuquerque*.

É seguramente a obra prima do illustre escriptor.

Esperamos vêr em scena, na proxima primavera e no nosso primeiro theatro, essa tragedia que é sem duvida um dos maiores monumentos que na lingua portugueza se acha até hoje levantado em commemoração das nossas glorias.

O vulto de Afonso de Albuquerque apparece-nos no drama tão gigante como na historia, enthusiasmando-nos com os seus heroismos, comovendo-nos com as suas grandes dores.

A obra de Lopes de Mendonça é digna do heroe que ella canta. Está n'isto o seu maior elogio.

É obra de patriotas remover quaesquer obstaculos que possam impedir a representação e divulgação d'aquelle poema. A boa vontade da empreza do theatro de D. Maria conbecemol-a. O governo fará o resto.

João da Camara.

centes, porque sois os mais puros, porque sois os que Jesus chamou a si, e por isso Elle ahí está comvosco, servindo-se dos fructos que lhe offertaes, por entre as grinaldas de flores que teceis em seu louvor.

Anjos alados que revoaes em torno do Divino Jesus, posto no regaço de sua Mãe Purissima, como vos contempla o puro José, escolhido por Deus para pae putativo de seu Divino Filho!

É a festa dos innocentes, dos puros, que vem redimir tantas miserias humanas!

O Natal!

#### A MORTE DO PERU



Francisco Manuel de Mello nos seus *Apologos Dialogaes*, diz no dialogo entre o relógio da cidade e o reógio da aldeia:

«Relógio da cidade— A fortuna é muito d'isso, tem o costume dos abbades, engordam as gallinhas, e cevam os

leitões muito de seu vagar, e matam primeiro o que está mais gordo: a rez mais bem medrada é a que faz maiores coegas ao cutello do carneiro, e ainda da criação a mais bem criada, dizem os velhos (que sabem d'isso) está mais atreita ao mau olhado. Se podesse escolher a minha sorte, nunca moraria em grimpa».

É como quem diz quanto mais alto, mais está nas vistas do mundo, o mesmo é que merecer-lhe as invejas e correr-lhe os perigos.

E para que havias de tu ser peru, ave vistosa, grada, com teus coraes vermelhos e tuas penas em leque quando te entufas orgulhosa e soltas os *glus glus*, que vão ecoar nos ouvidos do pobre como um riso de escarneo por não te possuir.

Pois se és ave rica e com os ricos só te queeres, nem por isso te poupará a morte, que também os colhe a elles, e quando chega a festa será a primeira victima emulada a sua gula, aos seus prazeres da meza, que isto de Natal sem peru não é de gente abastada.

Nas cidades ou nos campos pagarás o tributo á festa, peru novo ou peru velho, e quanto mais bem criado estiveres, com mais saude, mais vivo e entufado, serás o preferido para um bom caldo e virás á meza muito grado e luzidio, com teu papo recheado a aguçar o apetite aos comensaes.

E eis para que te valle o ser peru! Só os que te não podem chegar é que te não ferram o dente.

#### A VISITA AOS AVÓS



ENTRE a infancia e a velhice ha tanta afinidade que d'ahi vem o dizer-se que duas vezes somos creanças.

Entre o que ensaia os primeiros passos e o que vacilla já nos ultimos, ha pontos de contacto que por muitas vezes quasi se confundem.

E' que os infantes e os decrepitos aspiram ambos para a vida, os primeiros porque ainda não viveram, os segundos porque a vida lhes foje.

Attentae no quadro que tendes diante dos olhos e dizei pequenino leitor, por que para vos é este quadrinho, se o vosso avósinho e a vossa avósinha, quando os idees visitar não vos recebem com o carinho que exprimem aquelles dois velhinhos immersos nas suas poltronas, onde descansam os muitos annos que lhes pezam.

Dizei se não vos sentis attrahidos para elles, para os seus mimos, para as suas caricias, como quem melhor compreende as vossas almas ingenuas e descuidadas, tendo para cada pequenina falta, para cada pequenino erro da vossa ignorancia, uma desculpa, um conselho suave e amigo, de quem muito vos quer e tudo vos perdôa.

E' que não ha idade em que mais se pense na infancia do que a propecta. Então os primeiros tempos da vida desenham-se em nitidos quadros na nossa imaginação. O que mais nos sensibilizou na infancia, revela-se agora, como a placa pho-

tographica, revela a imagem que a sensibilizou quando é submettida ao respectivo banho revelador, e assim o avô vê nos seus netos um espelho do passado, porque elle tambem foi neto e tambem teve um avô amigo ao conchego do qual muitas vezes se acolheu para impetrar perdão das maldades commettidas.

Com que prazer infantil vão os pequeninos do nosso quadrinho visitar os avósinhos, em companhia de seus paes, que tambem muito lhes que-rem, mas que não tem a illimitada benevolencia de passa culpas do avósinho.

E se ficarem com os avós alguns dias, como já tem acontecido?

Então que dias felizes serão esses, brincando de rancho com os avósinhos, que tem tempo e paciencia para isso, e para contarem historias, que elles ouvem attentos, com grande curiosidade, curiosidade insaciavel, que não se contenta facilmente, porque exige mais e mais, esgotando todo o repertorio avoengo.

O que valle é que os netinhos pedem que lhes repitam as historias que mais os impressionaram e quando ao narrador escapa alguma peripecia do conto, muitas vezes lhes acode o ouvinte:

— Mas o pastor não tinha camisa e era feliz?

— E' verdade esquecia-me essa circumstancia. O pastor era feliz e os cortezaos queriam-lhe comprar a camisa para a levar ao rei que enfermava, e só se curaria se vestisse a camisa de um homem feliz. Trabalho perdido; o pastor não tinha camisa!

— E pôde-se ser feliz sem ter camisa? interrogava admirado o netinho.

— Pôde sim, meu Julinho, porque a felicidade está cá dentro, dizia o avô apontando para o coração.

#### PEROLA DO AMOR

Deseo ao mar um pescador  
De perolas... E, em pouco,  
Rindo alegre, quasi louco,  
Acha a perola do amor.

Deixa-a fiar onde está,  
Pescador, bem lá no fundo...  
Que essa perola, no mundo,  
Só amargaras nos dá.

(Das *Illusões Perdidas*, prestes a sahir).

Alberto Branão.

#### 25 DE DEZEMBRO



esta uma data memorabilissima na historia da civilização. Teve então logar um facto de importancia capital na existencia da humanidade; o nascimento de Jesus Christo!

Ha quasi 20 seculos, que os pastores dos arredores de Bethlem, na Judéa, ouviram ecoar nos ares as harmonias d'um canticos singular que dizia: «Gloria a Deus e paz aos homens».

Os timidos do ermo, foram encantados da palavra celeste, e os seus passos dirigiram-se para o presepio que abrigou n'aquella noite a doce virgem de Nazareth e o ancião venerando que a acompanhava.

Maria e Joseph, contemplavam enlevados no berço da humildade, a recém-nascida creança que fora concebida sem macula nas entranhas purissimas da segunda Eva.

Deslumbrantissimo era o quadro pela eloquencia da sua simplicidade terrena, e transcendental a sua significação suprema visto coincidir o phenomeno natural do parto com os accordes extramundanos do hymno de amor ouvido pelos guardadores dos rebanhos.

Absórtos no seu pasmo sem malicia, adivinhavam estes no menino adormecido nas palhas, o que no seu rude labor não tinham sciencia para raciocinar.

Decorrem porém, os seculos; a vida politica

### AS NOSSAS GRAVURAS

#### A FESTA DOS INNOCENTES



Natal!

Quanto de bello envolve esta palavra e como todo o mundo a pronuncia n'um coro unisono que exprime alegrias da alma, que tem clarões de luz, que significa Innocencia, Paz, Redempção.

N'aquella noite nasceu Jesus, o puro, o innocente e da Pureza e da Innocencia nasceu a luz divina que irradia da sua fronte.

A Pureza e a Innocencia tem o primeiro logar n'esta festa.

É de vós, pequeninos, porque sois os inno-

dos povos offerece scenas multiplas de grandeza épica e espectaculos pungentes de afflicção; os maiores triumphadores das idades que vão succedendo não logram saciar os seus desejos de conquista nem ainda mallear a sua ancia devoradora.

O imperio romano dilatára dominio por todo o mundo conhecido, e a agua invencível dos seus legionarios estendia azas gigantescas em todas as praias da vasta bacia do Mediterraneo.

Quando Tiberio empunhava o sceptro da universal governação, houve em Jerusalem uma execução de condemnados. Tres cruces tinham sido erguidas para expiação das culpas proprias de tres accusados de crime. Jesus Christo, pendera no madeiro ignominioso tendo aos seus lados em situação semelhante, dois ladrões convictos. No tempo de Nero, ordenaram-se perseguições contra os discipulos d'aquelle supplicado, que constanciará toda a philosophia da sua doutrina n'um unico preceito de enunciado singello: «Amæ-vos uns aos outros». Estes processos brutales de violencia indesculpavel, com que os sectarios do paganismo pretenderam embargar o passo aos novissimos principios da verdade religiosa, longe de corresponderem aos seus fins, ao contrario, produziam effectos diametralmente oppostos.

Em cada perseguição, via-se augmentar o numero de martyres da lei do Christo.

Um dia, Constantino, vencido no seu orgulho de poderio immenso pelos esplendores ideaes da doutrina do crucificado, rendeu-se d'alma ás scintillações da fé.

O symbolo dos apostolos e o estandarte do Calvario, ficaram sendo na sociedade romana os dois sustentaculos da honra e da gloria.

Os barbaros, invasores do imperio, fundaram as suas monarchias á sombra da mesma bandeira, e levantaram para o alto na grimpá leve dos seus templos a cruz do martyrio.

Os costumes das gentes e a legislação seguida, modificaram-se insensivelmente pelos exemplos sublimados de constancia maxima e de caridade evangelica illimitada.

O misero escravo, que nem sequer sonhára até allí que os seus direitos á partilha dos bens e dos respeitoes moraes e sociaes, eram perfectamente eguaes aos dos seus senhores, poude emfim respirar na posse plena da sua liberdade e no conceito legitimo da sua dignidade.

A Roma dos Cesares succedeu a Roma dos pontifices; ao regimen brutal e cruel da força succedeu a sentimental delicadeza dos affectos nobres e o reinado sympathico dos impulsos generosos do coração piedoso.

Sobre os destroços dos altares pagãos, renasceu um mundo illuminado pelos fulgores das belezas psychicas do Evangelho; os systemas adoptados no governo dos povos só contidos pelo medo, cederam o logar á influencia feiticeira da bondade christã e á superioridade divina do codigo de Jesus.

Tal foi o beneficio de celestial orvalho trazido aos homens em 25 de dezembro.

«Não te engana Deus; engana-se quem a si mesmo nimiamente crê.» Lê-se, este profundo affirmar d'um escriptor inimitavel, no livro humano que não conta rival, a *Imitação*.

E quem ha, que ouse blasphemar, contemplando em espirito o Natal de Bethlem, da procedencia Emyreia do filho de Maria?

Não, não é possível harmonisar, dentro dos limites da natureza humana, a obra consummada em prol da regeneração do individuo e da concomitante iniciação doutrinal.

O herço de Jesus é a aurora da civilização que redime, e o occaso final e irremediavel dos que insistem na cegueira do erro.

A verdadeira sciencia não recusa o seu preito de homenagem ao Infante singular do presepio da Judéa, que aos dose annos assumbraria maravilhosos os doutores famosos.

A fonte que tem sido inspiração fecunda de geniaes crystallisções da intelligencia da creatura racional, e de que têm derivado para as gerações sedentas de boa agua, caudales portentosissimos de conforto e de graça sanctificante, não pôde ser uma fonte fementida ou uma ficção irrisoria.

Se allí não estivera occulta a omnisciencia da Divindade, e a magestade não fitavel do Infinito, restaria caminhar o mundo para a treva, e o vicio audaz gargalharia no seu antro infernal entre as trovãs provocantes da podridão vilissima e a maldição satânica das orgias do Averno.

Oh! não o quizeste assim, Deus de Moysés e de Abrahão; não cabia na tua eternal misericórdia permitir que se afundisse no horrído pélago do gemer perennal este ser por ti creado á tua

imagem e similhaça; se eras Juiz suprêmeo também foste paé clemente e penhor infallível de promettida redempção: o 25 de dezembro foi o alvor messianico da nossa libertação e a benção immortal da tua Justiça.

D. Francisco de Noronha.

## OS NETOS



ANDAVAM todos pasmados, boquiabertos. Falavam baixinho pelos cantos.

O D. Affonso parecia outro! Se fosse um Affonso qualquer!... Mas o Dom, o quarto, o do Salado!... Quem nunca o vira assim de olhar tão doce na sombra do supercilio carregado, de riso tão lhano sob as enormes barbas patriarchaes, honradas entre as mais honradas dos affonsinos?

O Coelho, que, havia muito, andava tramando o crime, até disse baixinho ao Pacheco: — Aqui ha coisa! O Pacheco já a farejára, olha quem! E entretanto, o D. Affonso, todo fóra dos eixos costumados, dizia graças quando passava alguma dama a rojar sedas na peugada da linda Inez.

La seu caminho o drama tenebroso. Tanto haviam feito, que já tinham escangalhado o socego da que depois de ser morta foi rainha. E o sceptro, sobre que tão famigerados heroicos havia de bordar o Dr. Ferreira, parecia pesar nas mãos do monarcha menos, do que se fóra de pechisbeque, talvez tanto como de papelão doirado.

É que n'aquella noite...

O homem tinha um fraco: pelava se pela canja!

Elle mesmo comprára a galinha, uma ave amarella, que era uma belleza, gorda, anada... Depois de muito regatear, e por ser a elle, D. Affonso, é que a salaio a vendêra por seiscentos e vinte! Um rico pedaco de toucinho, um bom naco de presunto, o bello chourico, cheirinhos, arroz do mais caro... Ora adeus! Um dia não são dias. Aquella noite de Natal havia de ser falada!

E, por debaixo, dos longos bigodes, brancos, brancos de neve, El-rei lambia os beiços.

Chovia a potes. O drama horrível, a mais horripilante tragedia da historia patria ia-se pouco a pouco desenrolando.

Inez lamentava-se. Os horrificos algozes haviam-a trazido ante o rei. Eram tres judeus de calvario de semana santa, muito capazes de dar sete pesadêlos a quem não estivesse prevenido. Muito cabello, muita sobranceira, muita barba, vozes de papo, gestos de tyranno. Ella levantava para o céo crystallino os olhos piedosos, attentava nos meninos cheios de somno, falava ao avô cruel nas brutas feras e nas aves agrestes, na mãe de Nino e nos irmãos que Roma edificaram; queria ir, fosse lá para onde fosse, para a Scythia fria ou para a Lybia ardente, contanto que a tirassem d'alli. Era de partir os corações, mas aquelles patifes, de punhaes desembainhados, sanhudos, faziam esgares!

E a desditosa amante do Principe, entre soluços e lagrimas, pensava: — Que demonio tem hoje o D. Affonso?

O rei só via a canja, os ólhinhos da gordura, o arroz muito branco... E arregalava o olho e abria a venta!

Ah! que delicioso quadro! Que lhe importava a linda Inez de rojo a seus pés, as iras do filho apaixonado, a politica do reino, as Hespanhas, os Castros?

Uma trapeira que toda envolta em arroz de telhado era como um ramallete n'uma rua estreita, escura, tortuosa, para lá lhe fugia o pensamento. Em volta d'ella cantavam pardaes todas as manhãs, e o sol, mal nascia, pintava-lhe os vidros como se fossem pedras preciosas, rutilantes. Tanta paz lá dentro, tanto riso de crianças!

Noite de natal muito fria. Ih! como chovia lá fóra! Cantava a agua cahindo em jorros das biqueiras sobre as pedras das calçadas. Como estavam lamacentas as ruas, cheias de poças! O vento do sueste arrastava pelo céo as nuvens desgredadas e chovia sem descanço.

Lá dentro da trapeira, tanta luz, tanta alegria! Noite de natal! A toalha resplandecia muito branca sobre a velha mesa herdada dos avós, um nadinha coxa e remendada. Era um velho traste amigo, n'aquella noite todo enfeitado para a festa. O candeeiro, entornando sobre a alvura do linho um circulo de luz aconchegador, fazia faiscar

as laminas das facas, estriava de fogo os cabos muito limpos das colheres. O pão, ha pouco vindo do forno, ainda fumegava embrulhado na flanela e seis guardanapos muito engommados ostentavam formas caprichosas sobre os pratos, pombinhas, leques, romãs abertas.

Lá dentro, na cosinha, riam as crianças. A mais pequenina, uma gorducha rosada e muito loira, fechava os olhos caçadinhos de somno, teimando em não querer deitar-se, querendo com as mais velhas assistir á grande festa.

E a panella a chiar e o vinho a aquecer e o quebrar das nozes!

Vá lá um homem ralar-se com a politica do reino, ter consciencia da altissima missão, comprehender o direito divino, recalcar no coração a piedade e ser cruel contra o proprio filho meio louco de amor e que a dôr tornaria completamente louco, contra os infantes seus netos, contra a formosa fidalga chorosa, de rastos a seus pés, deixando espalhar pelos hombros os fartos cabellos loiros.

— Pois sim, cantem, pensava elle. E respondia tão distraído, tão fóra do sentimento que a historia nos conta, que todos, pasmados, diziam:

— O D. Affonso parece outro! Corriam-lhe pelas faces uns arripiosinhos de impaciencia, perceptíveis sob as enormes barbas todas brancas, fazendo-lhe tremer as azas do nariz, os cantinhos das fartas sobranceiras.

Felizmente aquillo estava por um triz a acabar. O filho, o D. Pedro, com voz de trovão, arrancava do peito as ultimas exclamações, atastava-se a largos passos para ir pegar em armas. A côrte, attonita, afflicta, corria para a vasta janella rendilhada do fundo da sala para vêr o desgraçado amante atravessar os pateos, chamar os seus, com elles dispôr a vingança. Era então que o velho heroe do Salado, desgraçadinho, cheio de lagrimas na voz, com o coração dilacerado, deante do corpo inanimado da linda Inez, havia de soluçar altissimas philosophias sobre a vaidade das vaidades, o peso d'aquella corôa sobre as cans, d'aquelle sceptro nas mãos decrepitas.

— A canja, a canja! pensava elle. E ainda murmurava o ecco os ultimos gemidos d'aquella dia de tragedia e já o D. Affonso galgava a quatro e quatro os degrãos da escada, sem corôa, sem sceptro, sem barbas, respondendo ao contra-regra que o chamava para ir agradecer os applausos da claque:

— Vão para o diabo!

E, meia hora depois, que alegria! Quando chegou a casa, em volta da mesa, a filha, o genro, os tres netinhos, todos a cantarem o hymno da carta: — Tchim! Tchim!... Taratechim! Taratechim!

Que bem que cheirava a canja!

Aquella noite de natal havia de ficar falada!

João da Camara.

## FORMOSURA PORTUGUÊZA

Conto histórico do tempo dos francezes

(Concluido do numero anterior)

### XIII

E n'esse mêmo instante, a baronêza resolveu escrever immediatamente para Portugal.

Maria Corrêa de Carvalho, a irmã de Luiza, casara ainda em vida dos paes, e tivera do seu consórcio uma unica filha, que afeiçoou, desde creança, como é costume das aldéias, aos ásperos labôres de uma casa lavradôra.

Como sua mãe e tia, Margarida era formosa, e, chegada aos 20 annos, começou a ser muito pretendida.

A sua escôlha recaiu num rapaz de condição superior á sua. Filho de um lavrador de mais fino trato sabia lêr, escrever e contar, recebera uma educação mediana, e trajava melhor que os campônios propriamente ditos, seus visinhos.

Margarida porêmo só tinha por si a condição de ser bonita: era uma raparigaçã alentada de corpo e forças, mas brusca de maneiras, grossêira no trato e falha de intelligencia.

Como sua tia, Luiza porêmo, embora em grau inferior, inspirara uma cega paixão ao homem, que a desposou, e com quem, havia alguns mêzes, fóra vivêr numa terra visinha, donde elle era natural.

Estavam as coisas neste ponto, quando em abril, a um domingo, se recebeu uma carta, com selo desconhecido, dirigida a Maria Corrêa de Carvalho, e trazida do correio de Arganil.

O genro, que, acompanhado de sua mulher, fôra visitar a sogra, como pessoa única, que sabia lêr, fôu convidado a abril-a e a informar-se do que continha.

O rapaz mirou e remirou o sobrescrito, e não soube interpretar os dizêres do primeiro carimbo, que eram com certêza estrangeiros.

— Lá isso é — afirmou o rapaz, remirando o sobrescrito. Nós já vamos desenganar-nos.

E começou a lêr, com certa dificuldade, em razão da escrita:

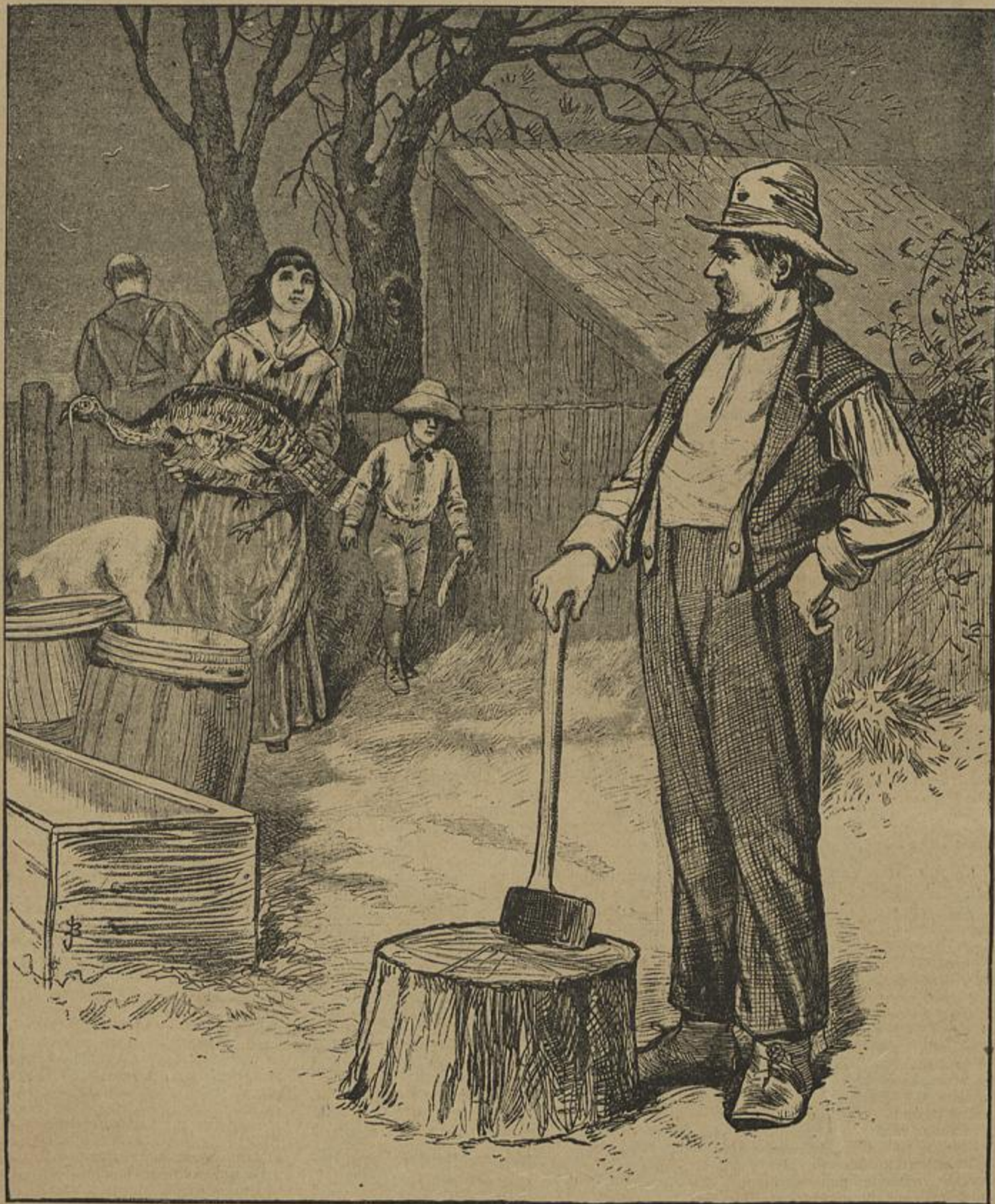
— Maria. Embora acredites nas almas do outro mundo, peço-te que te não assustes, porque eu, graças a Deus, estou viva e bem viva.

— A tia Luiza? — ajuntou Margarida. — Ora o diabo! Mas isso... *antão*.

— Ora os meus pecados! Luiza... a minha irmã...

— Não, lá isso agora!... O mãe, eu cá. Raios me partam, se...

— Acomodem-se, escutem; vamos a vêr o que a carta diz; falarão depóis.



A MORTE DO PERU

Maria sentou-se em baixo tamborête, fincou os cotovêlos nos joelhos, e, pondo a cabeça entre as mãos e os olhos no marido da filha, ficou-se á espera da leitura.

E murmurou:

— Carta lá de fóra... Hum! Até me parece engano. Uma aquella assim... Hum!

— Que será, ó nhôra mãe?

— E sei eu lá, rapãriga? Avia-te, home. Lê lá isso. Olha que não será p'ra mim. Vê bem não vá o diânho...

— Santo nome de Jesus! anjo bento! Quem é que escreveu isso — interrompeu a viuva, endireitando-se muito no tamborête, e esgaseando os olhos. — Cruzes, barzabú! Vê lá, Antonio. Quem assigna êsse papel?

— Luiza, vejo eu aqui. Luiza...

— A minha falecida irmã? Ora essa! Nanja eu que o acredite. Luiza! O rapaz, tu estás doido, ou não enxergas bem. Luiza! Ora... ora...

— Olá, se enxergo bem. Luiza é o que aqui está.

— Bom; vá lá. Torna a lêr o que já lêste. A minha irmã Luiza...

Antonio repetiu o introito, e continuou:

«Sei, minha irmã, que vives tambem; e por isso me dirijo a ti.

— E sabe que eu vivo! Ora vejam vocemecês!

— O mãe, deixe ouvir.

«Mais tarde direi as razões, que tive pâra, durante tantos annos, não dar noticias minhas. Estou casada e bem casada em França e moro em Paris, onde desejo vêr tua filha e genro, meus so-

brinhos, com toda a brevidade. Se consentires nisso, dar-me-ás uma grande satisfação. Faze-mo' sabêr para que eu lhes mande fornecêr indicações, roupas e dinheiro para a viagem, que creio lhes será bastante proveitosa. Dirige carta a *Madame la Baronesse de Juvat* — Paris. E adeus. Abraça-te e aos meus sobrinhos — tua irmã — *Luiza*.

— Em nome do Padre e do Filho... Ó rapaz, torna a lêr isso, que até parece que se me tolda o miolo. Ora esta!

— O mãe, a modo que não entendo bem.

— Nem eu; e por isso digo ao Antonio que torne a lêr o papel. Eu cá é que não estou em mim.

— Eu cá *tamem*.

— Coitadita da minha Luiza! Aonde ella fôí parar... lá por esses *invaras* fóra, lá no cabo do mundo... em França, que deve sêr, julgo eu, a terra dos malditos francezes... Loivado seja o senhór!

E a pobre da mulher sentiu-se comovêr, e pôz-se a vertêr algumas lágrimas sinceras.

— Olha agora! — volveu a filha, com ares sacudidos. — Olha agora, não vá eu chorar. A mãe sempre tem cóisas! *Antão* se a tia está casada lá onde é, e bem casada, *antão* para que diânhô hade a gente entrar a grunhir. Póis não é assim, ó *Antoino*?

— Sim elle — reflexionou o interrogado — a bem dizêr... a cóisa é mais para alegrar que para entristecêr.

— E sabem vocês se eu choro de alegria, por têr encontrado a minha rica irmã? Valh'os Barzabú.

— Lá isso *antão*. Ora lê outra vêz o papel, ó *Antoino*?

Terminada a nova leitura, o rapaz explicou que estava bem claro que a tia os mandava ir a França, a elle e a Margarida.

— Póis sim... espera, que eu já lá vou! — protestou a raparigaça, com trovejante ironia. — Ora o diabo da lembrança!

— Ora que tu has de sêr sempre destemperada! — conclamou a mãe. — Tu sabes lá a fortuna, que vos estará reservada? Sabes que mais? Vae bugiar. Ora a minha Luiza! Quem tal diria!

E Maria Corrêa levantou-se de chofre, deixou a filha e o genro a discutirem o assumpto da carta, e atirou consigo para o meio da rua, a dar conta aos vizinhos da estranha nova, que tão esbaforida a deixou. Sentia-se estalar; era-lhe preciso um grande desabafo. E o caso fôí que a nova propagou-se repentinamente, deixando toda a gente abismada.

D'ahi a pouco, os moradores do lugar estacionavam diante da morada dos Carvalhos, falavam e discutiam com calôr, acabando todos por dar, a seu modo, as maiores felicitações pelo acontecido, que, na opinião da maioria significava uma grande fortuna.

— *Havera* de sêr comigo — gritava um a plenos pulmões — não estava aqui nem mais um minuto... deitava-me o caminho...

— E *intê* eu — ajuntava outro — *Nan* que cóisas assim é agarral-as com ambas as mãos.

— Ir agora p'ro cabo do mundo... lá onde o diabo perdeu o rabo...

— Cala-te lá, que não percebes nada d'isto. A senhóra Luiza fôí lá têr, e não se perdeu no caminho.

— Bôa vae ella! Ora que sentença essa! Fôí... porque a levaram.

— *Tamem* os sobrinhos os hão de levar uns machos até Lisboa, e depois os navios d'ahi p'ra diante... lá p'ra onde é. Ora o diabo da seca!

E o velhote mais sabido, que pronunciara estas palavras, galhofou, dando uma saborosa risada, no que fôí imitado por todos, que lhe aprovavam os dichotes.

— Ora assim é que é prantar a cóisa em pratos limpos.

— *Cumque antão* os rapazes... sempre irão... tornou outro.

— Lá isso devem ir. Com um milheiro de diabos! Se fôsse eu...

— O' rapazes! mãs olhem que elle sempre ha destinos! Quem diria que a Luisita. Mãs como fôí que ella...

— Lá como a cóisa aconteceu... isso é que ninguem sabe. E olhem que aquillo sim, aquil-

Todos admiraram a sabedoria do explicadôr, e concordou-se á uma em que era a fortuna, que batia á porta dos recém-casados, e que o caso era uma novidade nunca vista; e que ninguem fazia bem em estar com pegadilhas.

E, durante alguns dias, não se falou noutra cóisa.

O párocho consultado disse que as taes palavras eram francezas, e que Luiza mandava pôr no sobrescrito provavelmente o nome de alguma sua amiga, que denunciava uma grande pessoa.

E viu-se que devia ser assim.

Luiza não mandava ir a carta em seu nome, porque desejava que, lá em França, se não soubesse o que ella tentava fazer.

O bom do padre é que advinhara tudo; e era de opinião que marido e mulher deviam respondêr á tia, agradecendo muito, e prometendo fazer-lhe a vontade, logo que ella o determinasse.

Assim se fêz. Antonio escreveu no dia seguinte ao da conversa, que teve com o seu priôr, as seguintes linhas, salva a ortografia:

— Minha querida Luiza. Muito estimarei que estas duas regras te vão achar na posse de uma feliz saude, póis a minha, ao fazer desta, é fraquita, loivado Deus, para em tudo te dar gosto e *sastifação*. Póis, minha irmã, já prometi uma novêna á senhóra Santa Eufemia e uma missa a Santo Antonio, advogado das cóisas perdidas, por tu têres apparecido; o que serve de espanto a meio mundo.

«Loivado seja o Senhór, que tudo pode! Tua sobrinha é uma mocetona que nem um pinheiro; e no homem della não falêmos: sabe tanto como um doutor.

O Antonio, cheio de modestia, não queria escrevêr esta última frase, mãs a sogra, que ditava, obrigou-o a isso, argumentando que era preciso contentar a tia, e lêz-lhe vêr que elle não tinha nada com o que fôsse do sua vontade mandar escrevêr. E concluiu o ditado da seguinte maneira:

«Elle e ella, os teus sobrinhos, estão pelo que tu queres; não tens senão mandar. E com isto não te enfado mais. Aceita saudades de todos, póis as minhas p'ra contigo só á vista terão fim.

«Tua irmã, que te deseja a vida por largos annos. — *Maria Corrêa*.»

Este era o estilo apurado das cartas mais ou menos cerimoniaes, e poucos havia que as soubessem escrevêr, de maneira tão limada.

Quem se abalancasse a semelhantes primôres de redação, estava apto para caixeiro de Coimbra, ou para escrivão do juiz eleito.

E o caso é que Sahil, ao que julgamos, tem dado escrivães de bom quillate.

De um exemplar sabêmos nós, que lhe justifica os títulos.

Aqui ha annos, no tempo dos juizes ordinários, sendo Pombeiro, onde veraneavamos, como agora, a sede do juizado, fôí-nos preciso falar a essa autoridade.

Dirijimo-nos por isso á casa da escola, onde então se efectuavam as sessões nos dias marcados.

Entrado ao seio do respeitavel arcópago, um pequenissimo quarto, que precedia a sala das aulas, fomos afavelmente recebido pelo juiz e muito mais ainda pelo escrivão, um velhito farçola, muito amigo de dizer facécias e arrogar-se valentias epicuristas, o qual, á nossa chegada, com as cangalhas cavalgadas nos extrêmos rombudos do seu bom nariz, despejava o arieiro de chifre sobre o sentenciôso escrito, que o juiz acabava de assignar.

Os dois individuos eram, ao mesmo tempo, no-



A VISITA AOS AVÓS

lo... é que são terras! Ao que se vê, deve estar pôdre de rica.

— Quem sabe lá, *home*?

— Quem sabe? Sei-o eu. Uma mulher, que até escreve em latim!

— Nam, que isso agora...

— O tia Maria, póis vocemecê não diz que a carta tem palavras em latim?

— Lá isso é que é verdade.

— Ora *antão* ah! está. Nem um padre lhe ganha, vejam vocemecês! Com seiscentos diabos...

— O Antonio — tornou a viuva, radiante de alegria, pelas apreciações e gabos, que ouvia — tu has de mostrar... Por falar em padre, quando fôres a S. Martinho, has de mostrar a carta ao sr. priôr, que sabe latim.

O Antonio, mais sabedôr que ninguem, explicou que a tia mandava ir a resposta para o lugar indicado pelas taes palavras. Aquillo seria francêz e não latim; e era provavel que significasse rua, numero e cidade, onde ella morava.

brêza e póvo, justiça e partes, autoridades e concorrência.

— Os trabalhos de hoje terminaram cedo — observamos.

— É que não veiu viva alma.

— Abençoado póvo que não tem fome nem sede de justiça! Com que então não veiu ninguém?

— Uma miséria, como vê. Olhe: pode ler a acta do que se passou.

Emquanto o escrivão se dirigia ao quarto fronteiro, para se apoderar do guarda-chuva, e afivelar ao sapato brochado a espora instigadora do burrito, em que costumava transportar-se para além do Alva — debruçamo-nos sobre o cartapácio das actas, e lêmos:

«Pombeiro... tantos de tal...»

«Abriu, e fechou a audiência o sr. Fulano, não ouve nada.»

«Rimo-nos, como é de vêr, e asseveramos ao juiz, que, á falta de outra questão, tinha que aplicar pesada multa ao escrivão.»

— Ora essa! E porque, meu caro amigo? — interrompeu o juiz, a rir-se também, por nos vêr rir.

— O seu escrivão levanta-lhe, e atreve-se a registar um falso testemunho.

— Que me diz, senhôr?

— Chama-lhe mouco; e não só lh'o diz, como o escreve.

— Mouco... a mim?

— Pois que menos? leia-a. Não escreveu elle, em seguida ao seu nome, sem virgula nem maiúsculo interceptôr, que o juiz não ouve nada.

— E é verdade. Não reparei. Ora o diabo do homem! Se este maldito tivesse sido meu discípulo, punha-me os créditos pela rua da amargura. Felizmente que o diabo é mais velho que eu.

O juiz, que era o meu respeitavel amigo e primeiro mestre, professor primário reformado e já fallecido, Antonio Dias Ferreira, deu-lhe uma boa risada, e verberou o seu escrivão com uma amigavel reprimenda.

Este escrivão, que não pontuava frases, nem ao menos conjugava acertadamente o verbo *haver*, era natural de Sahil, onde floresce ainda.

#### XIV

#### CONCLUSÃO

Um mêz depois do que deixámos escrito, os ditos sobrinhos da senhora marechala, saiam da terra natal, sôb as invejas e prenúncios de bom agouro de visinhos e patricios, caminho de Lisboa, aonde os acompanhara o pae de Antonio, homem culto e prático de terras estranhas.

Margarida, a cabroila, nome, com que muitos lhe malsinavam o proposito, guindada á casa de uma modista, para mudar de trajos, segundo as ordens e o dinheiro, vindos de França, esperneou, como uma possessa, serviu de gáudio a todos os circumstantes, e esteve a ponto de atirar os novos vestuários pela janela fora, uns trapicalhos de má morte, com que não se entendia, apesar das admoestações e geito maliflúo da dona da casa.

Fôí preciso que o sôgro a ameaçasse de a mandar encerrar no hospital dos dôidos, para ella se deixar vestir e tocar.

Introduzidos e recommendados a bordo de um navio, que ia fazer-se de vela para o Havre, e ouvidos os conselhos e advertencias do pae de Antonio, ao mandar colocar em certo sitio o último caixote da diminuta bagagem, onde, verdade, verdade, iam dous alentados presuntos e uma arrôba de bons chouriços, presente destinado á senhora de Juvat, despediu-se aquelle, para regressar á provincia.

— Juizinho, rapazes. E tu, Margarida, faze-te uma senhõra como tua tia. E adeus, meus filhos.

Fôram as últimas palavras do excellent e amoroso velho.

Os inexperientes provincianos, aos primeiros engulhos, precursôres do enjôo do mar, cuidaram que era chegado o termo fatal da sua vida.

O rapaz, mais comedido e prudente, agoniava-se, mas fazia por inculir animo á irrequieta companheira; esta porém tinha gestos descompostos, impacientava-se, e dava lamentos atroadores.

Ao desembarcar no Havre, acharam um delegado especial, que os conduziu cômoda e rapidamente á Paris, Babilônia fantástica, que os aterrorizou.

A habitação do marechal barão de Juvat era um elegante palacete, accessivel por mais de um lado, e povoado de compartimentos muito retirados, alguns dos quaes poucas vezes tinham recebido a visita do seu proprietário.

Esta circumstancia favorecia optimamente os

intuitos de Luiza, que mandou preparar numa dessas dependencias os alojamentos necessários aos seus hóspedes, porque lhe era preciso recebê-los em separado e particularmente, para o guiar e instruir, como convinha á sua elevada posição.

Era uma custosa iniciação, que a preocupava muito, e a que ia dedicar todos os seus cuidados.

O marido seria por emquanto estranho á chegada dos sobrinhos; uma criada e um criado, gente discreta e de sua confiança, seriam os únicos sabedores do que ia passar-se.

A baronêza de Juvat, ao dar de cara com aquella mocetona, mais formosa agora que as impressões e fadigas da jornada lhe tinham desvanecido algumas das côres campesinas, reconheceu-se naquelles traços; mas, por um impulso rápido e intuitivo, sympathizou mais com o marido de sua sobrinha, acanhado de maneiras, mas revestido de uns certos traços de educação e docilidade, que lhe agradaram em extrêmo.

Ao ouvir as primeiras palavras na portuguez da sua infancia, a boa e respeitavel senhõra sentiu um grande nó na garganta, e, abraçada aos sobrinhos, chorou por fim lágrimas consoladoras de uma dulcíssima saudade.

E requereu noticias minuciosas, pediu-lhes que falassem muito, e teve bastante pezar, ao vêr que sentia, pelo desuso, um pronunciado embaraço, quando queria expressar-se correntemente, ao mesmo tempo que achava infinita graça em frases e palavras, de que se esquecera completamente, termos locais, que a leitura lhe não fazia recordar.

Durante alguns dias, entretêve-se, quasi em absoluto, com os sobrinhos, tomando parte na maioria das suas refeições; no que tinha uma certa facilidade, visto que o marido, em virtude das molestias, que o tinham prostrado num mêo entrevamento, comia a horas desencontradas e no seu próprio gabinete de estudo.

Depois dêsse tempo, tendo percebido que Margarida, como o animal insofrido e bravo, que, metido embora em jaula doirada e cômoda, esbravêja e suspira pela liberdade das planuras, serras e matagaes — tinha uma naturêza inculta e um acentuado mau genio, propôz-se a banhal-a nas aguas lustraes da educação, a vêr se a tornava o que era preciso, a todo o transe, que ella fosse.

E resolveu domal-a pela ambição e pelo interesse.

Margarida começava a têr impetos de arrebatamento, amôos, faltas de respeito e docilidade, que as advertencias do marido, fraco em demasia e o ensinamento da tia, cheia de excellentes intenções, não conseguiam moderar.

A educação em commum era pois impraticavel; e só a mira do interesse poderia desbastar aquella organização tão macissamente imperfeita.

A marechala por tanto chamou a sobrinha a uma larga conferencia, contou-lhe a sua vida inteira, a maneira branda e obediente, com que conseguira instruir-se e educar-se; e por fim descreveu-lhe a elevação, que conquistara, devido aos adornos Moraes da sua pessoa.

Fêz-lhe vêr claramente que a posição e a formosura, sem o sabêr modesto e a civilização necessaria ao trato social, eram brilhantes em bruto, sem brilho e de fraquissima serventia.

Ella era uma titular e uma marechala de França: apesar de retirada á vida particular, recebia em sua casa pessoas de elevada gerarquia e grandes merecimentos.

— *Noblesse oblige* — diziam os francêzes. *Lé com lé e cré com cré* — recommendava o póvo portuguez.

Para apresentar os seus sobrinhos e futuros herdeiros a toda essa gente, era preciso pois que, pelo trato e pela apparencia, porque as apparencias em sociedade valém quasi tudo, era preciso que elles se resolvessem a fazer uma aprendizagem séria e insistentem.

Ella, sua tia, que tomava o lugar de mãe, ia separal-os por algum tempo. Margarida, como lhe aconteceu, daria entrada numa casa de religiosas, onde seria carinhosa e excellentemente tratada; o Antonio estudaria num pensionato de adultos, estabelecido nas cercanias de Paris.

Depois disto, a felicidade completa, a apresentação, como se fôram filhos seus, a herança futura da sua abastança, uma invejavel posição e o regresso á pátria, se bem o quizessem.

Por fim a generosa senhõra pintou com as mais peregrinas côres as diferentes ramificações dessa futura felicidade; e apontou-se como exemplo e norma a seguir.

Margarida, que dera, durante a longa conversa, evidentes signaes de impaciencia, desfêz-se em

berraria chorosa, afirmando que estava casada e que a queriam separar do seu marido; no que ella não consentiria, nem por oito dias que fossem, desse por onde dêsse, e que não lhe importava de sabenças nem de contos.

Antonio, de olhos no chão, cabisbaixo, fraco e dominado, como sempre, por aquella trovoadade genio indomavel, alegou também que não poderia suportar as saudades da mulher, e acabou de lancar por terra os acertados e louvaveis projectos da baronêza de Juvat.

Esta procedeu ainda a maiores explanações, aduziu novos argumentos, e deu aos sobrinhos um praso, para uma resposta definitiva.

Perdida intenção e baldado esforço!

Findo o praso, a resposta foi ainda mais desanimadora.

Como o mel se não fêz para a boca do asno, e, como aquella naturêza bravia se não parecia nem de leve á índole e carácter de Luiza, o ditoso par declarou que preferia regressar a Portugal!

Não se deu ainda por vencida a benemérita bemfeitôra, que, embora profundamente desgostosa e adoentada, se propunha exgotar todos os meios para fazer entrar um raio de luz n'aquelles cérebros obtusos.

Tentou a educação caseira, chamando mestres aos aposentos dos sobrinhos.

Margarida fechava-se no seu quarto de dormir, batia o pé, e dizia improperios, que felizmente não escandalisavam os ouvidos de mestres e criados, porque não eram percebidos.

E durou isto alguns mêzes, ao fim dos quaes a senhõra Juvat, desta vez indignada mas sempre bondosa, entendeu-se com os sobrinhos da seguinte maneira:

— Vou fazer-vos a vontade, bem contra a minha, mandando-vos para Portugal, já que assim o quereis. Não vos digo qual é o meu sentimento, porque me não entenderieis. Meu marido é adverso aos portuguezes, como já vos disse. Se elle me sobreviver, nada vos tocará dos nossos haveres. Se, ao contrario, eu chegar a enfiar, lá vos irão ter as minhas disposições e a minha herança. Eu mandarei noticias. Quando as deixardes de receber, é porque eu também deixei de existir.

E a excellent senhõra, dominando o seu grave desgosto, trêmula, comovida, deu-lhes jóias, roupas e dinheiro, um enxoval completo e para longo tempo, e fêz conduzir os sobrinhos a Lisboa.

Em conclusão. As noticias prometidas duraram apenas dous annos; cessaram depois completamente.

Sem dúvida, morrerá Luiza

Os chapêus de senhõra campanudos e floridos, á moda da época, de que Margarida fôí portadora, acabaram a servir de depósito de sementes de hortaliça e feijão frade.

O relógio de finissimo ôiro, ofertado ao marido, passou ao armario de um joalheiro de Coimbra; os cobertôres da custosa lã de camêlo, as colchas da Índia e os chales de custoso lavrado de seda findaram o seu triste destino, como estandae de assoalhar milho na eira.

É que o mel, repetimos, não se fêz para a boca do asno.

Ha semanas, mostraram-nos uma mulher de olhar ferino, velha, desdentada, com a cara franzida sulcada de rugas alongadas, cabelo hirsuto e immundo, saia curta até meio da perna negra, descarnada e nua.

Pastoreava uns porcos, a que falava com modos tropejantes de palradôra desbragada, modos habituaes e solêmnes da gente de certos lugares sertanejos, que parecem tugúrios de selvagens.

— Eh! cochinos? Má raio vos partam. Anda p'ra lá, bácora do inferno, Ó stupôr, valha-te seiscentos diabos!

E atirou-lhes com pedras.

Esta creatura repelente podia ser uma fidalga, uma grande senhõra, e comêr em pratos de ôiro, no dizêr do póvo e de um velhito, que estava ao nosso lado e era mui sabedor das coisas da sua terra.

— É como lhe digo, senhôr. Dá Deus as nozes a quem não tem dentes. Onde a vê podia ser uma senhõra, uma pessoa graúda, uma mulher rica e de nomeada, mas faltou-lhe o melhor... o miolo.

E o velhito levava o dedo polegar á testa enrugada, e concluia:

— É a Margarida. Pois não a conhece?

Era, de facto... a sobrinha da marechala.

Sanches de Frias.

## OURO ESCONDIDO

NOVELA ITALIANA DE SALVATORE FARINA

## I

(Continuado do numero anterior)

Rómulo aos trinta annos ainda fazia versos a uma creatura de perfeição ideal que não esperava encontrar n'esta terra: applicava finaes desaforadas a certos sonetos repletos de metaphoras; escrevia canções, em cujo remate se encomendava inevitavelmente ao zephyro, e soffria as chufas de amigos zombeteiros com admiravel estoicismo. Não encontrára ainda a donzella, loura qual espiga madura, palida como o alvor matutino e melancolica como o occaso.

Aos trinta annos, encontrou-a; tinha ella vinte, chamava-se Tranquilina, era morena e nada tinha de melancolica. Deu-se um tal ou qual desconcerto no Parnaso de Rómulo; a palida alvorada e o melancolico occaso, não se decidindo a passar de todo, houveram de conformar-se com ser a rubicunda alvorada e o incandescente occaso, foi, porém, esta a unica concessão. Em recompensa, Rómulo viu entrarem-lhe multidão de ideias vivazes, de imagens cheias de vida; os cupidinhos todos do mundo da rhetorica vieram agrupar-se em redor da sua escrevaninha.

Amou, como em rima disséra que só elle era capaz de amar, isto é: «com desespero»; permaneceu, com escandalo da vizinhança, manhas inteiras debaixo de uma janella do terceiro andar, unicamente para ver assomar por detraz dos vidros o rosto da dama de seus pensamentos — e metta-se em linha de conta que o adivinhava, não o via, pois era myope; adquiriu astucia de diplomata para se introduzir em casa d'ella e por fim conseguiu vê-la de perto, apertar-lhe a mão, sentar-se a seu lado e falar-lhe sem reticencias...

Entendêram-se, amaram-se, quizeram-se. Tranquilina houvera feito pelo Rómulo tudo quanto a qualquer rapariga é licito fazer: deixar-se desposar. Rómulo, por Tranquilina, houvera dado... eu sei lá o que elle daria... cem gotas do sangue das proprias veias, cem sonetos de consoantes obrigadas, todos elles com o acrostico: O Tranquilina!; em casar-se, porém, não pensava. Ouvira dizer tanto mal do matrimonio aos seus amigos solteiros, que sem o ter jámais visto de perto, por elle sentia um pavor mysterioso e salutar; elle, só o que pedia, era o poder amar a Tranquilina n'esta vida e na outra.

Já não era pouco. Apresentou-se um rival: o medico de um regimento; homem esperto e decidido; apenas julgou sentir no pericardio os symptomas do mal, procedeu em regra á operação: pediu a pequena em casamento.

A resposta de Tranquilina foi uma negativa cortez; o Dr. Roque, porém, não se acobardou; sabia que estava enfermo e que o medicamento indicado para a sua enfermidade se chamava Tranquilina; foi assiduo: procurou melhorar os modos, a linguagem, o aspecto. E d'ahi, não era feio... mesmo nada... e o uniforme ficava-lhe a matar.

A furia do diume penetrou no peito de Rómulo e todos os dias exigia a Tranquilina que lhe promettesse amor eterno, e apesar d'isso, todos os dias maldizia o seu destino em versos desesperados.

Até que chegou um triste dia, uma segunda feira, em que o pae da sua adorada — oh! porque não de ter pae as adoradas — em que aquelle vulgarissimo progenitor falou ao Rómulo, em prosa, e muita prosa, d'este modo:

— Minha filha está em idade de tomar marido; estou velho e não quizera ir-me embora d'este mundo sem a ter visto casada; o Dr. Roque pediu-me a sua mão; minha filha disse que não, e está no seu direito. — Ora eu encontréi um soneto acrostico do senhor; li-o com muitissimo gosto — o senhor serviu-se de metaphoras um tanto arrojadas; espero que tudo se poderá arranjar perfeitamente; nada tenho a oppôr, mas entretanto, é preciso que o senhor interrompa as suas visitas, pois dariam assumpto ás más linguas.

O dilemma era claro: casar com Tranquilina ou deixal-a casar com o Dr. Roque.

Um amigo lá do Casino, ao qual pediu conselho o mais desesperado dos Rómulos, desatou a rir escandalosamente, e declarou *iocontinenti* que o dilemma era assaz piífo. E tornou a rir, e o Rómulo rio também, mas pela noite adiante chorou que nem uma creança.

Seis mezes depois, o Dr. Roque, completamente curado, andava pela Italia em viagem circular, trazendo pelo braço a esposa, e Rómulo en-

toava um canto funebre sobre a sepultura do seu amor.

Com o andar dos tempos, todas as vezes que lhe succedeu encontrar-se com jovens louras como as espigas maduras, pensou na Tranquilina, que era morena, e ficou solteiro.

— O Dr. Roque dava pelo appellido de Trombêta?

— Era Trombêta — suspirou Romulo.

— Então conheci-o, infelizmente.

— Infelizmente?

— Para elle... Encontrámo-nos em Genova, onde estava de guarnição. Tivemos um desafio.

— Que estranho acontecimento!

Romulo empalideceu.

— Tranquilisa-te — lhe disse o amigo — nunca vi a senhora do Trombêta.

A senhora do Trombêta! Ah! este nome, que fazia sorrir o Joaquim penetrava até ao fundo do velho coração de Romulo!

— Como fôra aquillo do desafio?

— Do seguinte modo: Joaquim e Roque encontraram-se no café: Roque dizia ser negra certa coisa que ao Joaquim parecia branca, este ultimo não insistiu demasiado em suas observações, porque, sabidas as contas, era-lhe indifferente o caso e de forma alguma esperava mudar a opinião ao proximo; o doutor, porém, teimou e o sr. Poma teve de lhe declarar que o deixava de posse das côres todas do arco-iris, e que podia empregal-as como muito bem lhe conviesse.

A ira de Roque levantou fervera; Joaquim nunca tivéra duelo e na sala d'armas (era isto assaz notorio) avantajava-se ao proprio professor; portanto, sem tomar calor, declarou ao seu contendor que «estava ás suas ordens». O Dr. Trombêta ficou como se fôra de pedra, pois não esperava semelhante sahida, mas no dia seguinte enviou-lhe os padrinhos. Bateram-se ao sabre, e como dos dois um tinha por força de cortar alguma coisa ao outro, Joaquim cortou um braço ao seu adversario.

Contava o heroe isto tudo com a maxima desenvoltura, sem se dar ao trabalho de lêr no semblante do companheiro o horror que lhe causava semelhante proeza.

— O que ha é que cortei um tanto em demasia — proseguiu — porque o doutor disse que perdera o braço e encolerizou-se com o medico, ainda novo, que lhe assistiu, e que, no acto de pensar a ferida, se aventurava a ministrar-lhe consolações. — Não te digo eu que ha coincidencias exquisitas?

— E tu? perguntou Romulo horrorizado?

— Apertei-lhe a outra mão... os padrinhos declararam que nos haviamos portado cavalheirosamente... e nada mais. Sahi de Genova... Pois não achas que tudo isto parece romance?

— E não sabes verdadeiramente se o homem ficou sem o braço?

— Não — tartamudeou o Joaquim — não pensei em averiguar o caso; fiz mal.

— Sim, fizeste mal.

Callaram-se. Joaquim estava agitado, dava reviravoltas na cama, esperando que o amigo lhe dissesse alguma coisa; o amigo, porém, nada lhe dizia; pensava no Dr. Roque e na Tranquilina.

— Lá porque algum se chama Trombêta — prorompeu de subito Joaquim — não lhe assiste direito de estar todo o dia a bramir como um touro. A gente n'este mundo deve inteirar-se das coisas. — Que faria se se chamasse Tromboni? — Sustento que merecia uma liçãozinha — desejava, — agora que n'isso penso — desejava não lh'a ter eu dado; mas, afinal de contas, elle se perdeu o braço é porque não soube conservar-o.

Romulo não respondeu, e Joaquim experimentou dar outra reviravolta. Não apagaram a luz aquella noite, por que a ambos teria sido impossivel dormir. Ao amanhecer conseguiram passar pelo somno, porém Joaquim sonhou com o Dr. Roque, de braço á dependura, e Romulo viu a Tranquilina toda chorosa.

Uma semana depois d'esta noite das confissões, atravessavam os dois inseparaveis a galeria Victor Manuel, segundo seu costume, Joaquim, que era muito baixo, elevava uma porção de palavras até aos ouvidos n'aquelle momento distraídos de Romulo, que era muito alto. Joaquim parou d'improvisto; e o seu companheiro, imaginando ser isto o costumado artificio rhetorico afim de melhor obter a sua approvação, disse com a cabeça que sim, e proseguiu. Joaquim, porém, não se movia; todo elle era olhos para um par que n'aquelle momento ia passando: uma mulher, para ahi, de cincoenta annos, levando pelo braço um marido atarracado, amarelento e maduro qual maçã demasiado sazónada.

— O Dr. Roque! — exclamou Joaquim.

Aquella pelle animada cessou de mover-se, de-

teve-se a mirar frente a frente o homemzinho que o chamava pelo nome e reconheceu-o.

— Pelo sangue d'uma lanceta! — exclamou — Não m'engano... é elle; elle em pessoa, o sr. Poma.

Já lá vão annos... mas ainda o não esqueci, não. E, voltando-se para a mulher, accrescentou:

— Sabes? é aquelle que me cortou o braço. Esta apresentação acabou em menos de um minuto com o socego, a palavra e até com o alento do sr. Poma, o qual fez a primeira corteza desastrosa de toda a sua vida; depois, entrou a olhar para um e outro lado á procura da perda de desenvoltura.

— Nunca mais me pude servir d'elle, — continuava o Dr. Roque, mostrando o braço rigido — nunca mais se quiz dobrar; se o senhor cortou-me um tendão!

Joaquim fez um esforço violento e voltou-se para chamar o amigo, que permanecia immovel, fixando a vista atonita n'aquella visão.

— Romulo, anda cá.

Romulo foi: como lhe palpitava o coração!

— Romulo, tu deves conhecer o sr. Trombêta; e dirigindo-se ao velho doutor, accrescentou:

— O sr. Atlanni.

Este, ao lançar furtiva ohiadela, encontrára o olhar sereno de Tranquilina e fizera-se muito corado.

— Parece-me — não sei se... bramiu o marido. — Sim, Roque — disse Tranquilina — este senhor vinha a casa do meu querido pae; deves tel-o visto alguma vez...

Roque, porém, não se recordou ou não quiz recordar-se, e o pobre do Romulo ficou sem ser reconhecido.

O encontro, entretanto, alegrára o Dr. Trombêta; e como tinha a certeza de não ser egoista e ás vezes gostava de repartir com o proximo suas alegrias, claramente o manifestou ao Joaquim:

— Nem sequer imagina o prazer que me proporciona; até me parece lá estar ainda — e, avançando o braço sem o dobrar, simulou atrevidamente o acto de pôr-se em guarda, com risco de ir parar ao meio do chão — lá estar ainda, com um braço a mais e a gôta a menos; que eu tambem tenho gôta... A Providencia, devem sabel-o, é assaz chocarreira, e quando está em maré de brincar, tem graça a valer... Haverá coisa mais divertida do que privar das pernas a uma pessoa decente, depois de lhe ter feito cortar um braço? Pois saibam que esta graça providencial me tocou a mim...

Fallando assim, levantava a voz e despedia olhares fulminantes ao tecto da Galeria. Que havia a responder? Joaquim nem respirava, e Romulo lobrigava, surratero, as feições contristadas, mas serenas, de Tranquilina.

— Venha ver-me, caro amigo, venha ver o seu invalido, e o senhor tambem, cavalheiro; venham, venham, façam favor. Rua da Corça, n.º 11; para desenferujar a lingua — á noite não saio; a gôta não se dá bem com a humidade. Os amigos saber-me-hão dizer se haverá coisa que convenga a gôta? Comque, então, está tractado. Rua da Corça, n.º 11. Lá os espero.

Os dois amigos, quando ficaram sós, permaneceram, alguns instantes, graves e silenciosos.

— Joaquim, murmurou por fim Romulo, com voz carinhosa, — em que pensas?

— Penso... n'esse desgraço d'esse doutor. A que extremos chegou! Quando penso que fui eu talvez a causa de tudo!

— Acaso foste tu que lhe mandaste a gôta?

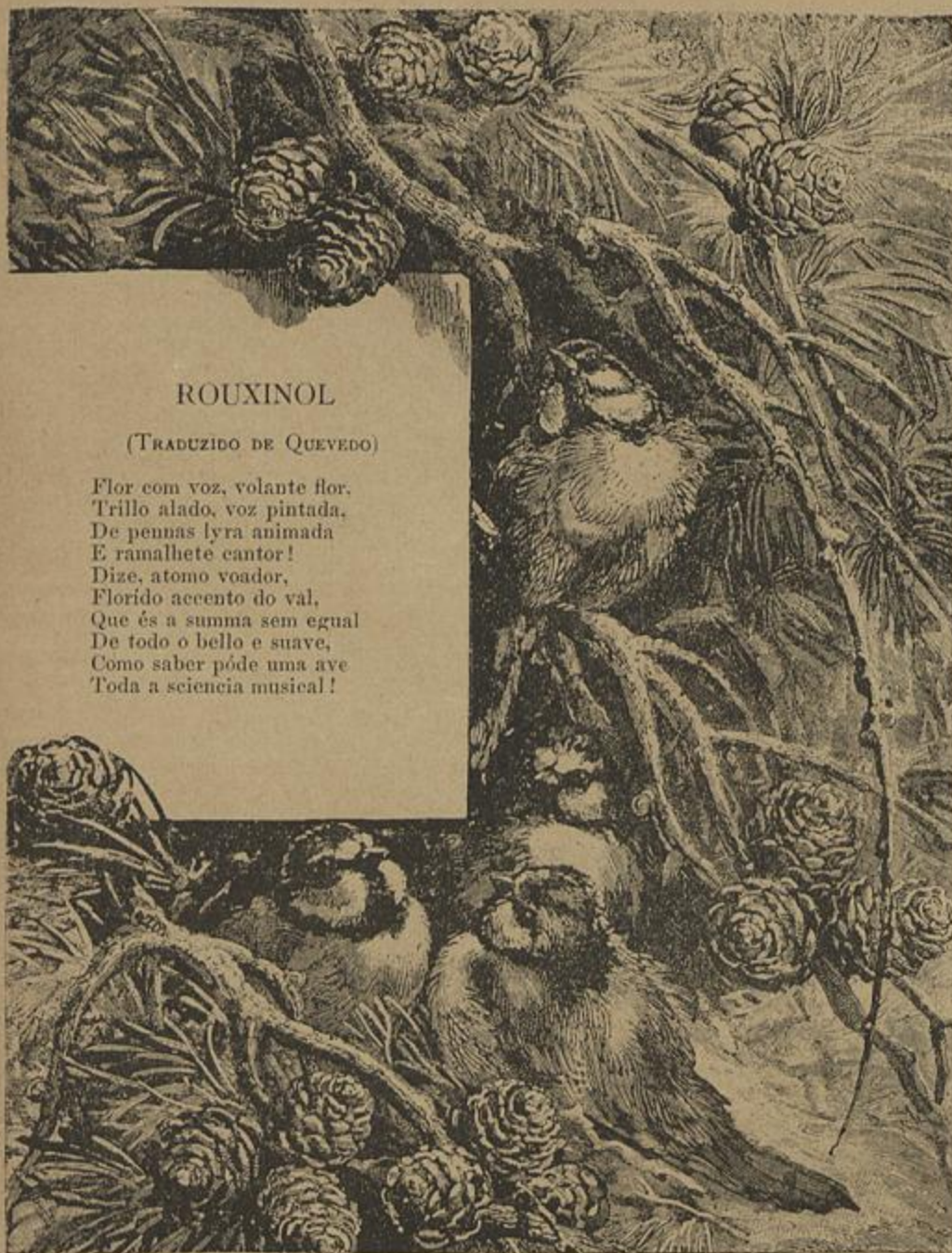
— A gôta, não... mas o braço. — Pois não viste? Ha vinte annos que o não pode dobrar! Sinto horror a mim mesmo!

O Joaquim, felizmente, era homem de fêvras, e elle proprio se insurgia contra as injustiças que a si mesmo fazia.

— Que tremendissima cutilada foi a minha! Bem me lembro! É como se lha houvera dado esta manhã: — foi uma cutilada de baixo a cima, uma cutilada famosa, assim... com movimento imperceptivel! Tive sempre muito pulso!

O pensamento de Romulo andava d'ali bem longe; a si proprio, pela centessima vez, repetia: «Ainda se conserva formosa!»

O Dr. Roque nunca deixava nada em meio: a primeira vez que os dois inseparaveis foram a caça d'elle, confiou-lhes um segredo: segundo disse, a misericordia celeste não se contentára com a gôta, e juntava a esta um nadinha de asma, um desarranjoso gástrico, resultante de certas avarias no epigastro; o seu tanto de inflamação no figado e inchação do baço. Quando acabou de persuadir os visitantes de que n'elle deviam ver um phenomeno da omnipotencia divina, isto é, uma



## ROUXINOL

(TRADUZIDO DE QUEVEDO)

Flor com voz, volante flor,  
Trillo alado, voz pintada,  
De pennas lyra animada  
E ramalhete cantor!  
Dize, atomo voador,  
Florido accento do val,  
Que és a summa sem igual  
De todo o bello e suave,  
Como saber póde uma ave  
Toda a sciencia musical!

clínica transformada em pessoa, convidou-os a jantar.

A meza voltou ao seu thema; tentaram os outros desviar-o d'elle, optar por conversas mais digestivas: impossível! cada prato que vinha á meza era ou não hygienico para este ou para aquelle orgão, e como o Dr. Roque não possuia orgão com que a Providencia se não tivesse recreado mais ou menos, abundavam pretextos para truncar qualquer outro assumpto de conversação.

Concluíram os comensaes por onde deviam ter principiado; por não fazerem caso. Entre ambos contemplavam a doce serenidade com que Tranquilina sorria de vez em quando, dizendo do insupportavel marido: — «Hoje, está de bons humores». Então Joaquim recordava-se de Romulo, e este, apressado, fixava os olhos no prato.

Uma vez disse o doutor:  
— Tranquilina, já não tenho pão: faze favor de me cortar uma fatia, eu não posso.

E na verdade, cançava até vel-o esforçar-se para aguentar o pão na mão direita e cortar-o com a mão manca. Offereceu-se o Joaquim, balbuceando, a servir-o, e o doutor, rindo a seu modo:

— Bravissimo — exclamou — a Amélia, quando aqui está, é quem me ajuda; hoje, porém, foi jantar com uma amiga de infancia. — Obrigado, Tranquilina, obrigado. — acrescentou ameigando a acentuação da voz — deixa este senhor fazel-o; é o seu castigo! Quem me diria?

E ria com a bocca fechada; ao Joaquim, latejava-lhe o coração.

Tranquilina — disse o medico pouco depois — Tranquilina, caiu-me o guardanapo; — e, enquanto a excellente creatura se inclinava para lh'o apanhar, elle, baixando um tanto a voz, recrescentava: «— É uma perola». E agora, era

o Romulo quem sentia extremo alvoroço no coração.

Quantas e quantas vezes não perdia o misero a memoria de si proprio, contemplando estatico aquella que bem podera ter sido a sua Tranquilina, e parecia que a voz do doutor, adrede, proferia, sob um qualquer pretexto: «minha Tranquilina».

Se o jantar não foi dos mais alegres, o serão foi uma verdadeira festa; em primeiro lugar, o Dr. Roque, na qualidade de marido seguro de si mesmo, fez a chymificação quotidiana, mediante a somneca habitual; depois, Romulo, auxiliado pelo amigo Joaquim, conseguiu dizer algumas palavras a Tranquilina, palavras que seriam indifferentes, ditas por outro qualquer, mas que na bocca d'elle, soavam como musica; por ultimo, no proprio momento em que o doutor andava á procura de pretexto que lhe servisse de trampolim á ira e para despedir quatro impertinencias hygienicas ao Padre Eterno, n'esse mesmo momento, eis que entra Amalia: «a rapariga mais bonita em todo o universo».

E o caso é que, de noite, em seu aposento solitario, o Romulo suspirava — o que aliás se compreende — e o Joaquim também, o que era já muito mais raro.

— O Dr. Roque — lá no fundo, — dizia — é muito boa pessoa, já vae estando velho e encontra-se em estado que mette dó. Cortei-lhe um braço, e jámais o perdoarei a mim mesmo.

Se alguém se atrevesse a dizer-me que o meu primeiro duello me havia de render o meu primeiro remorso... mandava-lhe ospadrinhos! Que eu n'esses tempos ia aos ares com qualquer coisa; não tanto, ainda assim, como o Dr. Roque.

— Sim, lá no fundo, deve ser excellente pessoa — repetia o Romulo, distraído.

— E d'ahi, a filha é adoravel.

— A pequena mais linda de todo o universo — accrescentava o outro, accordando da sua dis-tracção. — O retrato da mãe aos 20 annos; e olha que a mãe ainda está bonita!

N'esse mesmo instante, o Dr. Roque dizia para a mulher:

— O sr. Poma não me desagrada, porém o tal sr. Affanni, tão comprido como um afan, esse Romulo que nunca se acaba, não o posso tragar. — Ficavas bem servida de marido, com elle, não tenha duvida!

— Olha se eu lhe não dou remedio! Ainda con-servo para reliquia aquelle seu soneto que começa... espera ahi... começa assim:

«Como a aza do corvo seus cabellos»

«A sua tez branca de neve» — accrescentou Tranquilina sem titubear — A noite, porém, está fria, vão sendo horas de te meteres na cama.

(Continúa)

Pin-Sél.

## AOS SRS. ASSIGNANTES

Com o presente numero conclue o OCCIDENTE o seu 20.º volume e anno de publicação.

E esta a primeira revista illustrada que em Portugal tem conseguido tão longa vida, mercê da sympathia e protecção que os seus assignantes lhe tem dispensado.

A Empresa, pela sua parte, tem sempre procurado, atravez de todas as difficuldades que a tem assoberbado durante o longo periodo de 20 annos, corresponder á protecção dispensada, mantendo o primitivo programma, acompanhando o progresso que as artes graphicas tem conseguido nos ultimos annos, e n'este proposito continuará no proximo anno, em que o OCCIDENTE se occupará muito especialmente do centenário do descobrimento do caminho maritimo para a India, publicando, com os respectivos artigos, os monumentos e os retratos dos heroes do grande imperio portuguez na India.

Assim o volume de 1898 será uma das mais interessantes publicações do CENTENARIO.

## Almanach illustrado do «Occidente»

Para 1898

Está a publico este interessante annuario profusamente illustrado e com primorosa collaboracção litteraria.

A capa é um lindo chromo representando o «Adamastor». Preço 200 réis, pelo correio 220 réis, cartonado 300 réis.

A venda em todas as livrarias e na EMPRESA DO «OCCIDENTE» — LARGO DO POÇO NOVO — LISBOA.

## LIVROS PARA RIR

## O NARIZ DO TABELLIÃO

Por E. ABOUT

Traducção de Pin-Sél

Um vol. illustrado com uma linda capa a cores  
PREÇO 200 RÉIS, PELO CORREIO 220

Pedidos á Empresa do Occidente, largo do Poço Novo — Lisboa.

## AVISO

Com este numero é distribuido gratis a todos os srs. assignantes um supplemento SACRA FAMILIA, os respectivos indices, frontespicio e capa de papel.

Este numero com o supplemento custa avulso 200 réis e os indices, frontespicio e capa de papel 120 réis.

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

Typ. de A. E. Barata Rua Nova do Loureiro, 25 n.º 3º